



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

10904 - Resumo Expandido - Trabalho - XIV ANPED SUL (2022)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 22 - Educação Especial

CULTURA SURDA EM PADDY LADD (1998, 2013): UM CONCEITO ESTRATÉGICO NA LUTA POLÍTICA SURDA POR UMA EDUCAÇÃO BILÍNGUE

Paola Beatriz Sanches - UFPR - Universidade Federal do Paraná

CULTURAS SURDAS EM PADDY LADD (1998, 2013): UM CONCEITO ESTRATÉGICO NA LUTA POLÍTICA SURDA POR UMA EDUCAÇÃO BILÍNGUE

A ênfase biológica, cultural e linguística dá relevos diferentes à experiência vivenciada pelas comunidades Surdas. A experiência é complexa e difícil de ser apreendida, assimilada ou enquadrada por um termo simples ou mais abrangente que caracterize esse grupo. Não há como apagar a questão sensorial que permeia a existência dos Surdos, até porque há, por parte deles, a ideia de que a interação visual com o mundo é enriquecedora, sendo um traço de suas existências muito valorizado.

Esse debate tem seus desdobramentos nas políticas educacionais que tratam dos Surdos: ora são alvos de políticas de inclusão voltada às pessoas com deficiência, ora são atendidos por políticas que tratam da sua língua e de seu *status* enquanto minoria linguística.

Esse duplo enquadramento já vem sendo apontado e discutido por diversos pesquisadores, principalmente no que tange a desconexão entre política educacional e política linguística e os reflexos desta desconexão nos direitos linguísticos dos Surdos. Autores como Bar, Rodrigues e Souza (2018); Nascimento, Fernandes e Jesus (2020) trazem debates recentes a respeito dessa questão, e apontam as contradições advindas desse descompasso entre política educacional e política linguística.

A fim de somar a essa discussão, no intuito de apontar possíveis contribuições que os conceitos de Culturas Surdas e *Deafhood* de Ladd (1998, 2013) podem trazer ao debate. O objetivo desse breve exercício é demonstrar a trajetória de Ladd para chegar a esses conceitos e como estes conceitos se articulam para um enquadramento da comunidade Surda. O autor inclusive demonstra, através de seu estudo histórico a respeito das comunidades Surdas no ocidente, que a duplicidade de enquadramento (que por sua vez geram posições, discursos) não é assunto novo, mas permeou a história do povo Surdos desde os primórdios.

Acredito que os estudos de Paddy Ladd, sua tese de doutorado – uma etnografia dos Surdo do Reino Unido (1998) e seu único livro traduzido em português *Em busca da Surdidade: colonização dos Surdos* (2013), nos fornecem alguns pressupostos para esse debate. Por que Paddy Ladd? Terceiro e Fernandes (2019) destacam que

[...]no campo teórico dos Estudos Surdos, as reflexões de Paddy Ladd assumem significativa repercussão na produção brasileira por meio da ampla e rápida difusão de categorias teóricas como “cultura surda”, “comunidade surda”, “identidades surdas”, “audismo”, “modelo clínico-terapêutico” e “modelo linguístico-cultural (ou socioantropológico), desde a década de 1990. (p. 20)

No sentido desse debate, Ladd (2013) cunha o contraste entre Surdos e surdos. Assim como não há como enquadrar os que utilizam óculos e os cegos em um só dos dois termos, grafar o termo surdo com letra inicial minúscula serve para marcar “[...]àqueles para quem a surdez é primariamente uma experiência audiológica [...]” (p. 14). Os Surdos, com inicial maiúscula, são os que por meio da língua de sinais constroem-se enquanto pertencentes a um coletivo de experiência, uma comunidade, e sua cultura. A relação que estabelecem com a língua de sinais se assemelha ao que descrevem os pertencentes à minorias linguísticas.

Ao enquadrar os Surdos dessa maneira: pertencentes a uma comunidade, um coletivo de experiências, afasta-se do conceito de *deafness* (impedimento auditivo, deficiência sensorial, surdez), que para ele não contempla a existência Surda. Por isso Ladd (1998, 2013) cunha o termo *Deafhood* (Surdidade, em português de Portugal) o qual busca compreender a existência Surda para além das definições médicas. Segundo o autor, para os Surdos

A questão da perda não representa nenhuma realidade significativa. Ao criar as próprias comunidades e ao utilizar as suas belas línguas, eles criaram um ambiente linguístico e cultural ao qual atribuem tanto conforto como orgulho. [...] Uma experiência tão poderosa não pode continuar confinada ao fraco diminutivo de ‘surdez’; deste modo o conceito de Surdidade procurar abranger essas dimensões mais alargadas. (LADD, 2013, p. 15)

Ladd (2013) articula um conjunto de conceitos, a saber: *Deafhood*, Modelo linguístico cultural, Colonialismo, Sublaterno, Leigos, Culturas Minoritárias e epistemologias Surdas para ampliar o debate a respeito dos Surdos e suas formas de existir no mundo – uma cultura Surda.

Tal evidência, de que as comunidades Surdas sinalizantes possuem culturas que lhes são próprias, é uma questão primordial, não restrita à academia, pois determina a vida dos povos Surdos ao redor do mundo. (Ladd, 1998, p. 1). Os entraves que dificultam a compreensão dessa afirmação são objeto de debate do autor, uma vez que, ao inquirir as diferentes abordagens teóricas da antropologia, muitos desafios se apresentaram no que se refere ao escopo conceitual de cultura, comunidade cultural, cultura minoritária, etc.

O resgate da história Surda justifica-se por permitir a visualização destes

discursos e por constituir espaço de luta – por isso Ladd (1998) assume essa tarefa. Seguindo essa premissa, Ladd identifica a formação de dois discursos contrastantes a respeito da existência Surda: *phile* e *phobo*. *Phile* diz respeito a uma formação discursiva mais positiva em relação aos Surdos, por conta da percepção mais ampla de uma existência coletiva dos Surdos e sua língua de sinais. A formação discursiva *phobo* examinava os Surdos isolados de seus pares, o que gerava uma visão negativa a respeito de sua existência, atribuindo-lhes menos humanidade pelas dificuldades que apresentavam ao se comunicarem com a sociedade majoritária.

O fundamento destes discursos, segundo Ladd (1998, p. 28), são as diferentes percepções, por parte da sociedade, da existência Surda manifestada, ora de forma coletiva, ora de forma individual.

Dentro dos discursos educacionais, ambas formações discursivas estão presentes – *phile* ligada a um modelo social de educação, voltado à língua de sinais, às habilidades visuais e ao fortalecimento da vida e experiência comunitária Surda; enquanto a educação guiada pela formação *phobo* investia esforços na humanização dos Surdos mediante ensino da língua falada e da reabilitação oral.

Através das conquistas geradas pela educação construída na base dos discursos *phile*, os Surdos desfrutaram de grande respeito por parte da sociedade leiga (segundo Ladd, 2013, p. 13, são aqueles membros da sociedade que, por não estarem envolvidos com domínios ligados aos Surdos, foram desobrigados política e culturalmente de gerar análises a respeito desse domínio específico). Tal feito possibilitou a emergência de uma educação de Surdos através da língua de sinais, a qual se expandiu pela Europa e América. Graças à forma de organização dessa educação em escolas-residências, a língua de sinais floresce resultado da reunião de um grande aglomerado de alunos Surdos que posteriormente tornavam-se professores e profissionais de destaque – o fortalecimento da comunidade Surda alcança níveis sem precedentes na história (Ladd, 1998, p.30)

A ofensiva guiada pelos discursos *phobo* foi através dos discursos colonialista gerados pela crescente industrialização; os discursos que sustentavam a ideia de que o mais adaptado sobrevive – próprios do darwinismo social, além da expansão de ideais que ligavam ciência ao progresso. Tudo isso conduziu à imposição do Oralismo e ao episódio de Milão – a proibição do uso da língua de sinais nos espaços escolares e na educação dos Surdos.

O oralismo em conjunto com o colonialismo e o totalitarismo configuraram-se em uma combinação destrutiva da educação por meio da língua de sinais e foram a expressão máxima da formação discursiva *phobo* à época. A imagem que os Surdos construíram entre os leigos de sua autonomia, vida comunitária e compartilhamento linguístico foi destruída por um longo período de ofensiva oralista.

O único local de resistência dos Surdos e expressão dos discursos próprios da

Deafhood foram os clubes ou organizações de Surdos. Alguns deles foram tomados por missionários, mas muitos resistiram como berço e local de celebração da existência Surda – *Deafhood*, da comunidade e da cultura Surda. Essas organizações reuniam e representavam os Surdos subalternos – surdos monolíngues (usuários das línguas de sinais) e que produzem e reproduzem os discursos da *Deafhood*.

O surgimento desse movimento de Surdos, os clubes e organizações de Surdos - baseadas nos ideais pós-colonialista e inspirado pelos movimentos de consciência negra, marcam o início de uma contra-ofensiva Surda.

A última fase dessa contra-ofensiva refere-se ao desenvolvimento do campo dos Estudos Surdos, cuja contribuição foi essencial. Trouxe à tona os discursos *Deafhood* – que fundamenta, através das narrativas dos próprios Surdos, uma existência Surda para além do teorizado até então. Nesse bojo surgem também conceitos como os de *Deaf-Way* e de uma cultura Surda.

A fronteira final a ser enfrentada é a resposta oralista a todo esse processo: a tentativa de erradicação dos povos Surdos através do implante coclear. A engenharia genética, a manipulação e seleção de embriões também fazem parte dessa estratégia que busca abolir a existência Surda – vista pela formação *phobo*.

Para Ladd (1998; 2013) é afirmando a existência de uma cultura Surda que poderemos inverter e atacar toda a base do colonialismo. Por isso, a criação de um território para os Surdos se colocarem, no intuito de dar força às suas reivindicações e discursos, é que Ladd (1998) cria o conceito de *Deafhood*. O primeiro passo, segundo o autor, para a criação de um espaço teórico para que os Surdos subalternos falem e encampem a luta discursiva a partir, também, da academia: os Estudos Surdos.

Na educação brasileira, o embate entre os discursos persistem. A perspectiva inclusiva orienta as políticas educacionais que versam sobre a escolarização dos Surdos e permeia todos os níveis de ensino. Dessa forma, a escola básica propõe uma inclusão bilíngue – cercada de contradições, já adiantamos, em que duas línguas pautarão o processo educativo destes indivíduos. A esse respeito, esclarece Fernandes e Jesus (2016) que

[...] quando se discute direito à educação dos/as surdos/as, o debate sobre as línguas envolvidas no processo educacional é essencial para garantir igualdade nos padrões de aprendizagem e desenvolvimento das crianças surdas, em relação as demais crianças que não precisam da escola para ter acesso a sua língua materna (L1) na infância. (p. 1630)

A partir do reconhecimento da língua de sinais como a língua da comunidade brasileira dos Surdos (Lei 10.436/2002), e da constatação que 90% dos Surdos nascem em lares ouvintes, cabe ressaltar a importância do aglutinamento dos surdos, constituindo assim comunidade linguística.

Os embates em termos do *status* das línguas envolvidas nos programas bilíngues são

reais, sendo possível constatar a prevalência de uma em relação a outra, além da assimetria de prestígio entre as línguas – uma vez que as línguas representam comunidades que gozam de mais ou menos poder. Esse processo leva a assimilação e ao monolinguismo – formas de colonialismo aos quais as minorias linguísticas são expostas.

Maher (2007) apresenta em seus estudos alguns tipos de programas bilíngues e seus desdobramentos possíveis, em destaque os modelos *assimilacionistas de submersão* e *assimilacionista de transição* – ambos apontando para o monolinguismo. No primeiro modelo, pela falta de pessoas com que interagir na língua minoritária, o aluno é forçado a abandoná-la em detrimento da língua majoritária. No segundo modelo, o monolinguismo se estabelece pela condução gradativa ao longo do percurso escolar ao abandono da língua minoritária, uma vez que essa língua serve apenas como ponte de acesso à língua de prestígio/majoritária.

Em análise de Fernandes e Moreira (2009), os dois modelos apontados por Maher (2007) podem ser aplicados a situação dos surdos, submetidos a política denominada ‘bilíngue’ pelo MEC, já que o

[...] modelo de submersão pode ser exemplificado pela irresponsável política adotada por alguns dirigentes, em que se estabelece como critério tão somente a definição do *locus* do ensino regular como condição suficiente para a inclusão de estudantes surdos. A comunidade escolar os ignora e às suas necessidades, relegando-os à interação restrita [...] No modelo de transição faz-se uma concessão inicial ao universo cultural e linguístico do aluno, tal como ocorre em algumas propostas em que a Libras convive no currículo como uma alegoria, aprendida por professores e estudantes em cursos básicos, passando a ser utilizada em situações informais que não exijam um elevado grau de proficiência. Também podem ilustrar esse modelo, as escolas especiais para surdos que incorporaram a Libras as suas práticas, mantendo o caráter terapêutico da educação. (p. 230)

Fernandes e Moreira (2009) ainda relatam, segundo definição de Souza (*apud* Fernandes e Moreira, 2009), a existência de forma de bilinguismo fracas e fortes que podem levar a manutenção da condição bilíngue das comunidades ou a morte da língua minoritária. As formas fracas promovem a assimilação, seja de forma gradual em que a língua minoritária serve só para o acesso à língua de prestígio, seja por formas de segregar esses indivíduos, dando-lhes a opção de escolher sobre o uso de sua língua minoritária, contudo sem oferecer-lhes condições para que a utilizem de forma efetiva, sendo notável a assimetria entre as línguas

Ladd (2013) expõe, em complemento a esse debate, a gravidade do que pode parecer uma proposta inclusiva, mas que impede não só o acesso adequado à sua primeira língua como retira a possibilidade de interação e compartilhamento dessa com seus pares. Para o autor

[...] qualquer falta de acesso à sociedade majoritária daí resultante pode ser vista como um crime aplicado sobre aquele indivíduo, cujo principal enfoque é conseguir uma ‘casa’ dentro daquela sociedade. Os utilizadores de língua gestual [...] sabem que só poderão sentir-se em ‘casa’ na sociedade maioritária no dia em que a sociedade for capaz de utilizar sua língua. [...] Assim quando crianças Surdas recebem uma educação opressiva de tal forma vergonhosa, não é apenas o indivíduo

que é prejudicado, mas a comunidade em que irá crescer até se tornar um participante ativo. [...] podemos observar que a opressão infligida às crianças Surdas é, na realidade, uma dupla opressão, Nisto há muito em comum com outras minorias linguísticas oprimidas, no sentido em que **o prejuízo imposto às suas próprias crianças afeta a qualidade de vida dessas comunidades. O fator coesor neste argumento é que o principal campo de batalha para essas comunidades, para a qualidade de suas vidas futuras é a educação** (2013, p. 17-18, grifo nosso)

Há de se destacar que permanece os discursos ambíguos sobre os Surdos nas legislação educacional, cabem ainda análises sobre o processo que levou a essa conquista da educação bilíngue para Surdos na LDB (Lei 9.396/96, Art 78-A, aprovada em 3 de agosto de 2021). Porém, o cenário exposto por Ladd (1998,2013), dos discursos em embate, permanece. A afirmação de uma Cultura Surda ainda constitui-se de importante forma de resistência nas disputas e deve permanecer sendo fortalecida pelos Surdos e seus aliados

PALAVRAS-CHAVE: Surdos. Educação de Surdos. Cultura Surda. Estudos Surdos

REFERÊNCIAS

BAR, Eliana Cristina, RODRIGUES, Cássia, Sígolo, SOUZA, Regina Maria. Quando a política linguística se funda na noção de deficiência: circularidade nos textos das leis e a ilusão da garantia de direitos linguísticos. Revista Digital de Políticas Linguísticas, [s. l], v. 10, p. 103-125, nov. 2018. Anual.

LADD, Paddy. In Search Of Deafhood: Towards in Understanding of British Deaf Culture. Tese de Doutorado. University of Bristol. 1998

LADD, Paddy. Em busca da Surdidade I – Colonização dos Surdos. Portugal: Dinalivro. 2013

FERNANDES, Sueli. Educação bilíngue para surdos: identidades, diferenças, contradições e mistérios. 2003. 216 f. Tese (Doutorado em Letras com área de Concentração em Estudos linguísticos) – UFPR, Curitiba, PR.

FERNANDES, S. Educação de Surdos. Curitiba: InterSaberes, 2012

FERNANDES, Sueli, JESUS, J. D. Educação bilíngue para surdos/as: um estudo comparativo da escola bilíngue e do atendimento educacional especializado (AEE) na escola inclusiva. Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, Araraquara, v. 12, n. 3, p. 1628-1648, jul./set. 2016.

FERNANDES, Sueli, MOREIRA, Laura Cereta. Desdobramentos político-pedagógicos do bilinguismo para surdos: reflexões e encaminhamentos. Revista Educação Especial (UFESM), v. 22, p. 225-236, 2009.

FERNANDES, Sueli, MOREIRA, Laura Cereta. Políticas de educação bilíngue para surdos: o contexto brasileiro. Educar em Revista, n. 2, 2014.

MAHER, T. M. Do casulo ao movimento: a suspensão das certezas na educação bilíngue e intercultural. In: CAVALCANTI, M.; BORTONI, S.M. (Org) Transculturalidade, linguagem e educação. Campinas: Mercado de Letras, 2007

NASCIMENTO, Anne Caroline e Silva Goyos, FERNANDES, Sueli de Fátima, JESUS, Jeferson Diego. Interfaces entre políticas linguísticas e políticas educacionais: reflexões sobre

a educação bilíngue para surdos. Revista de Educação Unisinos, v. 24, 2020

TERCEIRO, Jeferson Martins Lopes. FERNANDES, Sueli. Deafhood: um conceito em formação no campo dos Estudos Surdos no Brasil. Revista de Educação Especial. v. 32, Santa Maria, 2019